



A representação do feminino e o estatuto jurídico da mulher em “A matrona de Éfeso” e “O amante no jarro”

The Representation of the Feminine and the Juridical Status of Women in “The Matron of Ephesus” and “The Lover in the Jug”

André Luiz Gardesani

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São Paulo, São Paulo / Brasil

Procurador do Estado de São Paulo

gardesani.a@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo estudar a representação do feminino e o estatuto social e jurídico da mulher por meio de dois contos do romance antigo romano: “A matrona de Éfeso”, inserido no contexto do *Satiricon*, de Petrônio, e “O amante no jarro”, presente em *O burro de ouro*, de Apuleio. A pesquisa encontra-se arraigada nas modernas vertentes teóricas da intertextualidade e do dialogismo bakhtiniano, na interface literatura e direito, bem como literatura e história, aproveitando-se, ainda, das contribuições oriundas dos achados arqueológicos na cidade de Pompéia, os quais podem ampliar ainda mais o horizonte de conhecimento acerca do *corpus* literário selecionado, descortinando linhas de pensamento muitas vezes encobertas e importantes questões sobre a posição social da mulher e a prática do adultério na Roma de Petrônio e de Apuleio.

Palavras-chave: Direito e literatura; literatura e história; literatura clássica; romance antigo romano; Petrônio; Apuleio.

Abstract: This article aims to explore the representation of the feminine and the social and juridical status of women by means of the analysis of two short stories from the ancient Roman novel. The first, “The Matron of Ephesus”, is inserted in the context of *Satyricon* of Petronius, and the second “The Lover in the Jug” present in *The Golden Donkey* of Apuleius. The research is rooted in the modern theoretical aspects of intertextuality and Bakhtinian dialogism. It also draws some of its theoretical points from the interface between law and literature, as well as literature and history. In addition, it takes advantage of the contributions coming from the archaeological findings in the city of Pompeii, which can further broaden the horizon of the knowledge

about the selected literary *corpus*, revealing hidden lines of thought and important questions about the women's social position and the practice of adultery in the Rome of Petronius and Apuleius.

Keywords: Law and literature; literature and history; classical literature; ancient Roman novel; Petronius; Apuleius.

Introdução

A obra literária pode ser um instrumento de grande importância no estudo das relações sociais, culturais, históricas e jurídicas de cada época, pois, mesmo sendo ficção, carrega indícios que permitem a reconstrução de aspectos e características de uma determinada sociedade. Nesse sentido, a literatura antiga representa um relevante veículo de informações históricas sobre o seu contexto. O voltar dos olhos para o passado pode representar o surgimento de novas perspectivas para pensar e refletir sobre a própria sociedade contemporânea.

A relação entre literatura, história e arqueologia é fundamental para o conhecimento mais aprofundado do passado clássico, ressaltando a possibilidade de recuperar traços culturais dos antigos romanos. Esses traços passaram, com o tempo, a albergar questões relativas à vida cotidiana e familiar, à sexualidade, ao papel social das mulheres e às relações de gênero.

Objetiva-se, dessa forma, analisar a representação do feminino e o estatuto social e jurídico da mulher por meio de dois contos do romance antigo romano: “A matrona de Éfeso” inserida no contexto do *Satíricon*, de Petrônio e “O amante no jarro” presente em *O burro de ouro*, de Apuleio.

O presente estudo encontra-se dividido em quatro partes. A primeira apresenta um breve resumo do *Satíricon* e *O burro de ouro*, a fim de traçar um panorama geral dessas obras. Em seguida, será apresentado o arsenal teórico a ser mobilizado para o estudo que ora se propõe. Na terceira parte, será abordado o estatuto social e jurídico da mulher ao tempo de Petrônio e de Apuleio, seguido pela análise do levantamento documental oriundo do trabalho dos arqueólogos na cidade de Pompéia, com o que se pretende demonstrar que o posicionamento muitas vezes conservador e patriarcal dos estudos clássicos, realizados antes da virada

do século XX para o XXI, a respeito da condição da mulher na Roma antiga pode ser relativizado. Dessa forma, de posse desses elementos de teoria literária, de historiografia do direito e de arqueologia, na quarta parte serão analisados os contos “A matrona de Éfeso” e “O amante no jarro”.

1 Panorama geral das obras

O romance antigo¹ representa a expressão de uma modalidade da narrativa ficcional produzida na Antiguidade, abrangendo dois subgrupos: o romance antigo grego e o romance antigo latino. Seu *corpus* basicamente é composto por duas vertentes: 1) narrativas gregas de aventura e provações; e 2) narrativas latinas de aventura e costumes. O esquema geral das narrativas gregas de aventura e provações envolve um casal que se apaixona e enfrenta uma série de intempéries até a união e o final feliz. Esse *corpus* é comumente composto por cinco romances: *Quéreas e Calíroe*, de Cáriton de Afrodísias (séc. I a II d.C.); *As Efesiacas ou Ántia e Habrócomes*, de Xenofonte de Éfeso (séc. II d.C.); *Leucipe e Clitofonte*, de Aquiles Tácio (séc. II d.C.); *Pastorais ou Dáfnis e Cloé*, de Longo (séc. II ou III d.C.); e *As Etiópicas ou Teágenes e Caricleia*, de Heliodoro (séc. III d.C.). Por outro lado, nas narrativas latinas de aventura e costumes, o protagonista vive uma série de tentações, chegando transformado ao final do enredo. Nas palavras de Bakhtin (1998, p. 234-249), são caracterizados pela crise e pela responsabilidade humana numa jornada de transformação. Pertencem a esta categoria o *Satíricon*, de Petrônio (séc. I d.C.) e *O burro de ouro* ou *Metamorfoses*, de Apuleio (séc. II d.C.).²

¹ A denominação “romance antigo” é moderna, não havendo na antiguidade nenhum termo equivalente para essa espécie de produção ficcional. Por essa razão, muitos estudiosos preferem definir as obras gregas e latinas que se inserem no conceito como narrativa ficcional em prosa.

² Considerando a diversidade de categorias e obras que compõe o romance antigo, recomenda-se, para a formação de um panorama geral, a leitura dos seguintes livros: *Companion to the Ancient Novel*, de Cueva e Byrne (2014), que apresenta os autores e romances greco-latinos, bem como questões de gênero e abordagens teóricas sobre o tema; *The Novel in the Ancient World*, de Schmeling (2003), que em alentado volume (876 páginas) analisa diversos aspectos do romance antigo, especialmente sobre a origem, contexto histórico e cultural, principais autores e respectivas obras; *Latin Fiction*, de

O *Satíricon*, de Petrônio, narra, em síntese, a história de Encólpio, do seu amante Ascilto e do servo, o jovem Gitão, que se intromete entre os dois amantes provocando ciúme e discussão. Juntamente com o poeta Eumolpo, eles embarcam em um conjunto de aventuras e desventuras que envolvem principalmente situações de natureza erótica, mas também histórias de naufrágios, roubos, bruxarias e orgias. Trata-se de uma sátira escrita nos tempos do imperador Nero (37-68 d. C.), que retrata uma Roma decadente, imoral e sem esperanças.

Produzido cerca de um século mais tarde, *O burro de ouro* ou *Metamorfoses*, de Apuleio é uma narrativa composta pelas aventuras burlescas e fantásticas de um homem chamado Lúcio, viajante de elevada condição social e de boa família, que vai à Tessália, em busca de conhecimentos sobre magia e acaba por se metamorfosear em um burro.³ Lúcio tem um sonho em que a deusa egípcia Isis explica o que ele deve fazer para desfazer a metamorfose. Quando volta à forma humana, Lúcio se converte ao culto de Ísis.

Essas duas obras podem ser consideradas romances de recortes, em que as personagens principais têm a história de suas vidas intercaladas pela narração de histórias ou contos secundários encaixados na história principal.

Hofmann (2005), que destaca-se pela análise cronológica do romance romano, explorando seu desenvolvimento e a continuidade na cultura latina; *The Ancient Novel: an Introduction*, de Holzberg (2005), que oferece uma introdução ao romance antigo, analisando individualmente os textos que compõem o *corpus*, obedecendo a ordem cronológica das obras; *The Roman Novel*, de Walsh (1970), que apresenta estudos concentrados no romance antigo latino, especialmente no *Satíricon*, de Petrônio e no *O burro de ouro*, de Apuleio, assim como avalia a influência exercida pelos dois romances na ficção picaresca europeia. No Brasil, o livro de referência para o estudo do romance antigo é *A invenção do romance*, de Brandão (2005), que analisa questões concernentes à definição e origem do romance antigo, especialmente a narrativa de ficção da Grécia antiga.

³ Conforme a narrativa, ao passar por Hípata, Lúcio é hospedado na casa de Milão e sua esposa, conhecida na cidade como uma feiticeira. Então, ele vive um romance com uma escrava de nome Fótis, que o ajuda a roubar uma poção mágica de sua ama para transformar o protagonista em um pássaro. Porém, ao passar o unguento pelo corpo, Lúcio se transforma em um burro.

Satíricon ao lado de *O burro de ouro* quiçá sejam as obras mais significativas para o estudo da figuração literária da mulher, bem como do seu estatuto jurídico na Roma antiga. Apuleio e Petrônio oferecem uma ampla galeria de personagens femininas: matronas, princesas, libertas, escravas, prostitutas, jovens, velhas. Contudo, limitar-nos-emos à representação das matronas e das servas, algumas questões sobre família, sexualidade e adultério. No que tange especificamente ao *Satíricon*, afirma Silva (2001, p. 97) que “talvez seja uma das mais significativas obras para o estudo dos comportamentos de gênero na sociedade imperial romana, ainda que este viés de abordagem tenha sido pouco explorado pela historiografia”.

2 Percorso teórico

A intertextualidade é a relação entre textos no sentido dialógico. Bakhtin (1981), sem cunhar o termo, já havia falado de intertextualidade quando tratou da polifonia da linguagem: todo discurso é composto de outros discursos; toda fala é habitada por vozes diversas. Assim, um texto é voz que dialoga com outros textos, mas também funciona como eco das vozes de seu tempo, da história de um grupo social e dos seus valores. Esse aspecto do dialogismo que representa o contato do escritor e da obra literária com o substrato social é muito importante para o presente estudo.

Ademais, segundo Bakhtin (1981, p. 7), por meio do encontro dialógico “duas culturas não se fundem nem se mesclam, mas cada uma conserva sua unidade e sua totalidade aberta, mas ambas se enriquecem mutuamente”. O dialogismo, segundo Bakhtin, encontra-se presente tanto em Petrônio quanto em Apuleio e exerceu grande influência no gênero romanesco desde a Idade Média⁴ até os tempos atuais. Um

⁴ Durante a Idade Média os textos de Apuleio e Petrônio circulavam pela Europa e despertavam interesse entre os leitores. No século XIV, mais precisamente em 1350, o florentino Giovanni Boccaccio, em *Decamerão*, retomou a linha da narrativa satírico-picaresca dos autores latinos Petrônio e Apuleio. Trata-se de um conjunto de dez jornadas, com dez novelas cada uma, totalizando cem histórias. Dez jovens, sete moças e três rapazes, para fugirem à peste que assola Florença, se refugiam numa colina e, durante dez dias (daí o nome da coletânea), passam o tempo contando histórias. Na obra, Boccaccio apresentou variações da “A matrona de Éfeso” de Petrônio (*Decamerão*, 02.02) e de “O amante no jarro” de Apuleio (*Decamerão*, 07.02).

exemplo dessa influência seria o privilégio conferido à narrativa oral e de cunho popular, a adoção do princípio da concatenação de diferentes eventos narrativos, histórias dentro de uma mesma moldura, o realismo, a sátira menipeia e o estilo milesiano. A “sátira menipeia”, ou “menipeia antiga”, ou, simplesmente, “menipeia” constitui um estilo literário satírico ao modelo das sátiras do filósofo grego Menipo de Gadara (349-250 a.C.), autor das sátiras denominadas menipeias. Trata-se de um gênero cômico geralmente escrito em prosa, com extensão e estrutura similar a um romance, caracterizada pela crítica às atitudes mentais ao invés de a indivíduos específicos. O estilo milesiano, por outro lado, representa um estilo picaresco, cínico, que foi originalmente criado por Aristides de Mileto (final do séc. II a.C.), escritor de contos (hoje desaparecidos) com temática de cunho erótico e licencioso.

Para Bakhtin (1998, p. 397-428) o romance,⁵ é a forma dialógica por excelência, pelo fato de ser composto por discursos de várias naturezas, tais como o histórico e o jurídico. Outro ponto de interesse na teoria de Bakhtin é o fato de que o romance, ao contrário da épica, que se mantém presa a um passado isolado e absoluto, possui uma área de contato com o presente no seu aspecto inacabado, o que permite que romances antigos, como o *Satíricon* e *O burro de ouro*, possam ser reinterpretados, reavaliados e concretizados na atual realidade.

O termo intertextualidade foi cunhado por Julia Kristeva (1974, p. 64) que, no âmbito do estruturalismo francês dos anos 1960, retomando o dialogismo bakhtiniano, ensina que “[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto”. Dessa forma, a intertextualidade deve ser entendida como um processo de troca e contatos entre textos literários e não-literários.

A grande questão que se apresenta seria “como realizar a intertextualidade?” É que a competência em leitura e em produção textual não depende apenas do conhecimento do código linguístico, sendo imprescindível conhecer outros textos e estar imerso nas relações intertextuais e contextuais. Quanto mais amplo o cabedal de

⁵ Tanto o *Satíricon* como *O burro de ouro* são considerados por Bakhtin (1981, p. 97) como “uma ‘sátira menipeia’ desenvolvida até os limites do romance”.

conhecimentos do leitor, maior será sua competência para perceber que o texto dialoga com outros e com a própria realidade social. Por isso, é de crucial importância o conhecimento da sociedade da época de Petrônio e Apuleio, na medida em que eles recriaram e remodelaram os elementos que colheram da sua realidade numa relação dialógica.

O intertexto constitui elemento de outro texto que foi incorporado, podendo esse texto ser representado pelo conjunto de informações históricas de seu contexto. Nesse sentido, o texto literário constituiria “uma forma de registro histórico, diferindo deste propriamente dito pela sua não intenção de assim se constituir” (SILVA, 2001, p. 25). Por isso, torna-se importante refletir sobre a relação entre literatura e história.

Tanto a história como a literatura bebem da mesma fonte para a construção dos seus objetos. De fato, tanto o poeta como o historiador utilizam-se da imaginação e criatividade para preencher as lacunas ou vazios deixados pelos acontecimentos com o objetivo de ligar os eventos entre si, atribuindo-lhes efeito de sentido e coerência. Segundo Hutcheon (1991, p. 34), “por mais documentos que disponha o historiador ou o ficcionista, é preciso recorrer à imaginação para estabelecer nexos entre eles de modo a recriar os fatos, ou melhor, criá-los, visto que a recriação é uma impossibilidade”. Finley (1994) chama as brechas deixadas pelos documentos históricos de “momentos de espaçamento temporal”, onde o historiador junta os fragmentos para montar a história, conferindo-lhe coerência, o que se dá através da imaginação e da linguagem. Tradicionalmente, os historiadores buscavam seus documentos em arquivos. Contudo, com o passar do tempo, passou-se a aceitar uma infinidade de produções humanas, aí se incluindo a literatura, como documentos para o estudo do passado. Isso corresponde ao que Le Goff (1998) denominou de “explosão documental”.

No caso da antiguidade romana, nosso objeto de pesquisa, a relação entre literatura e história exsurge com grande importância. Funari (2008, p. 104-105) destaca que “o diálogo com as Letras Clássicas, a compreensão por parte do historiador das estruturas das obras e os seus detalhes, têm propiciado aos estudiosos preciosas informações sobre o cotidiano dos romanos”. O poeta, sendo um membro da sociedade, exerce

papel social e histórico, no momento em que escreve, trazendo à luz sua realidade social. Por isso, torna-se crucial falar sobre a realidade feminina em Roma ao tempo de Apuleio e Petronio, o que será feito mais adiante.

Outra questão digna de nota em termos de teoria é que a Escola de *Annales*, movimento historiográfico da primeira metade do século 20, ficou conhecida por ampliar o quadro das pesquisas históricas ao romper com a divisão estanque das Ciências Sociais (História, Arqueologia, Sociologia, Psicologia, Economia, Geografia humana etc.), privilegiando métodos pluridisciplinares e principalmente o diálogo com as narrativas ficcionais, o que reforça a agregação de outras áreas do saber à História, notadamente a Literatura e o trabalho de campo da arqueologia.

Por fim, completa o arcabouço teórico a inter-relação entre literatura e direito. A literatura é de extrema importância para o direito, já que a arte literária tem o condão de, através da imaginação dos poetas e escritores, criar situações muito mais complexas, ou mesmo não vivenciadas, pela ciência jurídica, ampliando-se, assim, o horizonte de conhecimento do operador do Direito. Além disso, tanto o direito como a literatura são constituídos por palavras e ambos lidam com a condição humana.

Segundo Schwartz (2006, p. 18-19), a relação entre literatura e direito é evidente, pois a primeira sempre retratou os conflitos advindos das relações processuais e das violações a direitos, com suas consequentes cargas de justiça/injustiça. Ademais, a literatura reflete a percepção da sociedade sobre a atuação e a postura dos profissionais do direito. O tratamento literário do direito, para o mencionado autor, seria uma constante, tendo-se em vista que este é um sistema social e a literatura postula refletir acerca dos fenômenos sociais. O presente estudo aborda elementos jurídicos relativos à condição feminina nos contos “A matrona de Éfeso”, inserida no contexto do *Satíricon*, de Petronio e “O amante no jarro”, presente em *O burro de ouro*.⁶

⁶ É importante ter em mente, contudo, que, na Roma antiga, as questões jurídicas não pertenciam ao universo dos escritores de literatura popular, que eram mais ligados ao povo. Em Roma, o direito era fundado nas leis, desde a *Lex Duodecim Tabularum* (Lei das Doze Tábuas, 450 a.C.), origem do direito romano, até o *Corpus Juris Civilis*

3 A mulher ao tempo de Petrônio e Apuleio

Existem inúmeras dificuldades para se traçar um panorama geral a respeito da mulher na sociedade romana. A primeira consiste na variada gama de culturas e subculturas que compunham o Império Romano. Dessa forma, os mais diversos tipos de mulheres romanas dificultam qualquer tentativa de catalogação do feminino. Segundo Oliveira (2011, p. 68), o que existia em Roma eram “estatutos diversos concepções, ideias, modos de vida e prerrogativas jurídicas específicas, conforme a idade e o status social da mulher em causa”. Além disso, havia em Roma uma mobilidade social muito grande, de modo que no decorrer da vida, e de acordo com determinadas circunstâncias, a mulher poderia alcançar posição diversa.⁷ Ademais, a lei romana estabelecia que o pai tinha poder de vida e morte sobre os filhos, traçando-lhes, inclusive, o destino. Admitia-se, como consequência, o infanticídio seletivo, prática muito comum, por todo o império, pois facilitava a proteção da riqueza familiar, com a oportunidade de eliminar tanto filhos com debilidades físicas, como filhas, indesejadas pelo pouco proveito que trariam quando comparadas com um filho varão. A Constituição de Rômulo (séc. VIII, a.C.), caracterizada por um conjunto de costumes e ritos, estabelecia a obrigatoriedade de se criar todos os filhos sãos, mas apenas a primeira

(Corpo de Direito Civil, 529 d.C.), da época do imperador bizantino Justiniano I, sendo quase exclusivo da classe alta e dos tribunais. Os pobres estavam longe desse universo nebuloso e opaco. Ao contrário do que ocorre com o direito grego antigo, onde o direito era oral e fundado na jurisprudência, não havendo sequer profissionalização, já que o ensino jurídico fazia parte da educação de todo e qualquer cidadão. Como ensina Lopes (2000, p. 34), as leis de Sólon “eram ensinadas como poemas, de modo que todo ateniense bem educado terminava por conhecer sua tradição político-jurídica comum. A literatura ‘jurídica’ era fonte de instrução e prazer. Em geral no tempo da filosofia socrática sabia-se ler. As técnicas propriamente jurídicas eram próprias do logógrafo, o redator de discursos forenses: pedidos, defesas, etc. O direito, presumia-se, devia ser aprendido vivenciando-o”.

⁷ Sobre a mobilidade social da mulher em Roma ensina Hemelrijk (2004, p. 9-10): “To summarize, a woman’s life and social position were far from static: in the course of her life things changed according to the circumstances of her family and the successive stages of her life, which usually brought her a position of increasing authority.”

filha. As filhas, não raro, eram mortas ou abandonadas e seguiam os destinos da escravidão ou da prostituição.

Uma vez apresentadas as dificuldades iniciais, é importante delimitar temporalmente o período em que a situação social e jurídica da mulher será estudado, o que necessariamente deverá corresponder à época em que viveram Petrônio e Apuleio.⁸ Petrônio nasceu provavelmente em 27 d.C. e faleceu em 66 d.C., época da Dinastia júlio-claudiana – Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero (27 a.C.-68 d.C.). Sua criação artística teria ocorrido sob o governo do imperador Nero (54 a 68 a.C.), muito embora o cenário do *Satiricon* se refira ao governo anterior, de Cláudio. Por outro lado, Apuleio nasceu entre 114 e 125 d.C. e teria morrido no ano 170. Viveu, então, entre os governos dos imperadores Adriano (117-138 d.C.) e Marco Aurélio (161-180 d.C.).

Segundo os registros historiográficos, especialmente os de Funari (2011) e de Paul Veyne (1990, 2008 e 2009), na sociedade romana dessa época a mulher era subordinada ao homem (pai ou marido), permanecendo sob a custódia do *pater familias*. Os meninos livravam-se da tutela paterna quando atingiam a puberdade,⁹ momento a partir do qual recebiam instrução acadêmica e militar. Enquanto isso, as meninas permaneciam sob o poder paterno e não recebiam qualquer instrução, até porque as relações públicas e cargos políticos constituíam monopólio masculino; as mulheres não votavam e nem podiam ser votadas. Em regra, também não falavam nos tribunais. A *Lex Voconia* (169 a.C.) restringia a riqueza que podia ser herdada pelas mulheres. Não podiam ser herdeiras de um grande patrimônio, mas poderiam receber bens como legado. Em suma, segundo Veyne (2009, p. 47), deveria a mulher, “conhecendo sua inferioridade natural, obedecer”.

⁸ Ressalte-se que o direito romano não era dinâmico, pois as leis eram feitas para durar. Apenas para se ter uma ideia, a Lei das Doze Tábuas (450 a.C.) nunca foi formalmente revogada e vigorou até o advento do *Corpus Juris Civilis* de Justiniano (529 d.C.). São, portanto, quase dez séculos de vigência.

⁹ Segundo a legislação romana, a puberdade era atingida quando o corpo demonstrasse capacidade de procriação. Quando os meninos atingiam esse estágio, tiravam a *bula* (espécie de amuleto de proteção que indicavam a interdição sexual) e a ofereciam aos deuses domésticos, tornando-se sexualmente ativos sob o patrocínio de Liber, deus da liberdade (BONFANTE, 2001, p. 7).

Havia, no entanto, algumas exceções ao poder do *pater familias*: as virgens vestais¹⁰ e as sacerdotisas de Ceres¹¹ e de Isis,¹² que não pertenciam a homem nenhum, assumiam o serviço do culto estatal.

As mulheres da classe baixa, tanto na escravidão, como na liberdade, desempenhavam trabalhos tão comuns como o de fiadeira, tecelã, modista, costureira, ama-de-leite, ajudante de cozinha. Já as mulheres da classe alta, embora tivessem, quando dignas, autonomia na direção da casa, também se sujeitavam à legislação restritiva. Além disso, a mulher romana também era subordinada ao homem no ato sexual. Resumindo, segundo os registros de Funari e Veyne, a sociedade romana, tinha caráter masculino e estritamente patriarcal.

Outros três temas são importantes para a análise dos contos: a figura da matrona romana, o casamento e a questão do adultério e os servos.

Na alta sociedade romana existia a figura da matrona, que seria uma espécie de *mater familias*: bela, mas pudica, cujo amor estaria reservado ao marido, acompanhando-o em todas as adversidades. Dedicava-se aos frutos de um promissor matrimônio e ao governo do lar, controlando os escravos e garantindo o bem estar familiar.¹³ Segundo Hemelrijk (2004, p. 6, tradução minha), “a figura da matrona está intimamente associada aos valores femininos tradicionais, como castidade, modéstia, austeridade, domesticidade e devoção ao marido e aos filhos”.¹⁴

¹⁰ Vesta era a deusa do lar, no sentido público e familiar. As vestais tinham como tarefa principal manter aceso o fogo do templo.

¹¹ Ceres era a deusa da agricultura, associada à produtividade dos campos. Também era protetora das esposas e ligada à morte, pois, segundo a lógica da circularidade, o morto regressa à mãe terra.

¹² O culto de Ísis tinha raízes orientais. Tratava-se de uma divindade do antigo Egito, cujo culto difundiu-se pelo mundo mediterrâneo, sobretudo pela forte influência feminina. O culto atraía muitas mulheres em razão da identificação da deusa com a imagem de esposa e mãe. O Egito, afinal de contas, era um espaço onde a mulher desfrutava de um elevado status social.

¹³ Cornélia Cinila (94-69 a.C.), filha do cônsul romano Lúcio Cornélio Cina, casada com Júlio César, com quem teve uma filha chamada Júlia, era tida pelos romanos como um modelo exemplar de matrona: uma mulher independente, cultivada e segura de si.

¹⁴ “The matrona is closely associated with traditional female values such as chastity, modesty, austerity, domesticity and devotion to husband and children.”

Quanto ao casamento romano, nas famílias da alta sociedade, em geral, os pais costumavam acertar o matrimônio dos seus filhos, especialmente por razões econômicas ou de alianças políticas. O casamento podia ser *cum manu*, onde a noiva deixava a tutela do pai e passava à custódia do marido ou *sine manu*, modalidade em que a mulher, apesar de viver com o marido, continuava sob a tutela paterna. A esposa perfeita para os romanos tinha que ter duas características: ser fiel e fértil. A fidelidade era um ideal presente tanto das camadas mais altas como das mais baixas da sociedade. Portanto, o adultério, tema presente em um dos contos analisados (“O amante no jarro”), era vedado pela legislação romana, desde a *Numa Pompílio* que remonta ao século VIII a.C. até a Lei das Doze Tábuas. Cavicchioli (2014, p. 158), com base nos escritos do jurista latino Aulo Gélcio (125-180 d.C.), diz que Catão teria dito em um discurso: “se você surpreende sua mulher cometendo o adultério, pode assassiná-la impunemente e sem julgamento, mas se ela o surpreende, não pode te tocar nem com um dedo”.¹⁵ Contudo, é evidente que a existência de legislação não impedia a prática. Segundo Oliveira (2011, p. 71), as mulheres romanas “eram especialistas em escapadelas, e muito rápidas, com o primeiro desconhecido que encontrassem na rua”.

Por último, quanto aos servos, pode-se dizer que, na Roma antiga, eram eles despojados de todos os seus direitos, tratados como coisa, tendo o dono poder sobre sua vida e morte. Contudo, a sua real condição poderia variar conforme a proximidade do amo, notadamente criados que viviam no âmbito doméstico, os quais eram favorecidos e poderiam ser emancipados após certo tempo e tornarem-se clientes dos seus donos, ou seja, passavam à condição de protegidos e patrocinados por eles.

4 Sob as cinzas do Vesúvio: a voz da mulher romana

A cidade de Pompéia, destruída em 79 d.C. pela erupção do vulcão Vesúvio, manteve-se oculta até o ano de 1748, quando foi redescoberta

¹⁵ Somente na época de Augusto é que a punição do adultério deixou de ser privada, passando, com a *Lex Iulia de adulteriis* (17 a.C.), a ser pública, por meio de um tribunal. A pena não seria mais a de morte, mas a de banimento da adúltera para uma ilha distante.

por acaso. A tragédia preservou, como uma verdadeira cápsula do tempo, algumas imagens intactas do império Romano, especialmente sobre a presença feminina na sociedade.

Encoberta pelas cinzas vulcânicas do Vesúvio, um vasto universo documental composto por moedas, grafites, inscrições, estátuas, revelam a presença de uma classe de mulheres que desenvolveram uma inserção social bastante profícua, participando de banquetes e reuniões sociais importantes, de corporações de ofício, gerenciando propriedades particulares ou negócios de família e até mesmo discussões políticas em escrutínios locais. Além disso, revelam mulheres com direito ao prazer sexual e à livre prática do sexo.

Busca-se, portanto, um diálogo interdisciplinar entre a história e a arqueologia¹⁶ e até mesmo com a literatura, como se verá mais adiante. As fontes arqueológicas abaixo analisadas parecem afrontar, ao menos em parte, os estudos tradicionais, hierarquizados e conservadores sobre a história de Roma, apresentando um retrato feminino muito mais próximo dos contos de Petrônio e Apuleio.

Em primeiro lugar, apresentamos um cartaz de propaganda eleitoral (*programmata*). Muitas mulheres apoiavam seus candidatos aos cargos públicos, exercendo vasta influência social. Como bem enfatiza Feitosa (2008, p. 127), por meio desses cartazes, as mulheres “indicavam os seus candidatos, manifestavam o seu apoio, discutiam e opinavam sobre a política local, mesmo sem poderem, legalmente, participar das eleições”. No mesmo sentido, Hemelrijk (2004, p. 8-9) ensina que a mulher, apesar de estar excluída da vida política, era esperada, por exemplo, para manter suas conexões políticas e informar seu marido acerca da situação em Roma durante suas ausências quando no exterior em razão de deveres militares, governança de uma província ou nas turbulências da guerra civil.

¹⁶ Durante muito tempo a arqueologia foi vista apenas como uma “disciplina auxiliar” para os historiadores. Atualmente, ambas possuem métodos e teorias próprias. Ensina Funari (2008, p. 84) que a Arqueologia deriva da História, “tendo surgido como uma maneira de se disponibilizar as fontes escritas sobre o passado e de complementar as informações existentes com evidências materiais sem escrita”.

FIGURA 1 – *Programmata* (Pompeia, séc. I d.C.)

Fonte: <https://pompeianpolitics.wordpress.com/programmata>

Também foram encontradas na cidade de Pompeia, algumas inscrições feitas por mulheres romanas. Vejam, a propósito, os versos de uma aristocrata chamada Sulpícia, reproduzida por Tibulo,¹⁷ poeta lírico satírico, durante o século I d.C. e observe-se como são ousados:

Luz minha, que eu não seja mais
o teu amor ardente, como me parece
era até há poucos dias
se em tudo o tempo da minha juventude
cometi um erro do qual – confesso –
tanto me arrependi:
ter-te deixado só a noite passada
porque queria esconder o meu ardor (FUNARI, 2011, p. 104).

Note-se outro poema também do século primeiro, mas de natureza anônima, encontrado na entrada de uma casa na cidade de Pompéia, que também demonstra o sentimento e a ousadia da mulher romana:

¹⁷ É importante ressaltar a existência de entendimento segundo o qual esses versos teriam sido escritos pelo próprio Tibulo, em forma de paródia, integrando o denominado *corpus trubunianum*. Por esse motivo, considerando que tais inscrições e versos podem ter sido escritos por homens, em manifestação do eu lírico feminino, as fontes pictóricas que apresentaremos devem ser tidas como mais importantes do que as escritas.

Oh, permitido fosse ter os bracinhos em volta ao colo, e beijos nos tenros lábios, Vai, agora, com teus gozos aos ventos, menininha, Creia-me, volúvel é a natureza dos homens, Tantas vezes, eu, apaixonada, na madrugada, em vigília, Pensava comigo mesma: muitos, alçados pela Fortuna ao topo, foram, súbita e precipitadamente, rebaixados. Assim, Vênus, tão logo junte os corpos dos amantes, divide a luz (FUNARI, 2011, p. 104-105).

Segundo Funari, é a arte pictórica a evidência mais importante acerca da posição da independência feminina. No ensaio “Romanas por elas mesmas” (1995), Funari apresenta alguns exemplos de pinturas romanas. O primeiro deles é representado pelo conhecido retrato de uma mulher, que segura uma *tabua cerata* e *stilus*¹⁸ (FIGURA 2). O retrato pode ser encarado, segundo o citado autor, como uma declaração convencional de boa educação da mulher romana.

FIGURA 2 – Mulher com *tabula cerata* e *stilus* (Pompeia, séc. I d.C.)



Fonte: <https://www.museoarcheologiconapoli.it/it/sale-esposizioni-espositive/affreschi-2/>

¹⁸ “A *tabula cerata* era uma espécie de prancha, em geral de madeira, com uma fina camada de cera na qual se podia escrever com o *stilus*, uma haste com uma das extremidades pontiaguda (para traçar caracteres) e outra chata (para apagá-los).” A *tabula cerata* era usada “como material escolar, para o ensino elementar da escrita e da matemática” (PETRÔNIO, 2008, p. 257, tradução de Cláudio Aquati).

Outro afresco de Pompeia, que também pode ser interpretado como uma referência à importância intelectual das mulheres, aparece logo abaixo: um painel que combina uma mulher com *tabua cerata* e *stilus* e um homem com um rolo, marido e mulher intelectuais.

FIGURA 3 – Casal romano (Pompeia, séc. I d.C.)



Fonte: <https://www.museoarcheologiconapoli.it/it/sale-e-sezioni-espositive/affreschi-2/>

No afresco denominado “Vila dos Mistérios” (FIGURA 4), a mulher domina um cenário que retrata as diversas fases do ritual de iniciação ao culto de Baco, deus do vinho e do prazer.

FIGURA 4 – Vila dos mistérios (Pompeia, séc. I d.C.)



Fonte: http://pompeisites.org/sito_archeologico/villa-dei-misteri/

Na figura 5, a mulher ocupa posição física superior no ato sexual. Para Veyne (1985, p. 183), trata-se de uma posição em que a mulher se submete ao homem: “[...] a serva coloca-se sobre seu amo molemente estendido sobre o leito, porque está a serviço do prazer do homem.” E prossegue, mais adiante, afirmando que a “parceira está a serviço do prazer de seu senhor e vai ao ponto de realizar todo o trabalho; se cavalga o amante imóvel, é para servi-lo” (VEYNE, 1985, p. 197). Ressalte-se, contudo, que a leitura de Cavicchioli, especialista em estudos sobre Pompeia, é totalmente oposta à de Veyne, pois a imagem representaria mais uma posição de domínio do que de submissão:

A posição superior no ato sexual e seu caráter ativo demonstram uma disposição de controle durante a realização do intercuro amoroso, ou seja, o lugar ocupado pela mulher indica, no caso, domínio, não submissão. Não há no texto de Veyne (1985) indicações de fontes capazes de embasar sua afirmação. Desta forma, a submissão feminina, na posição superior do ato sexual, parece estar mais presente na interpretação proposta do que nas fontes documentais (CAVICCHIOLI, 2014, p. 161).

FIGURA 5 – Amantes na cama, *Gabinetto segreto* (Pompeia, séc. I d.C.)

Fonte: <https://www.museoarcheologicoinapoli.it/it/sale-e-sezioni-espositive/affreschi-2/>

O *cunnilingus*, sexo oral praticado em mulheres, era uma prática considerada degradante e injuriosa para os romanos.¹⁹ Poucos são afrescos encontrados em Pompeia que reproduzem a prática de cunilíngua. Os poucos que existem geralmente são encontrados em termas ou prostíbulo. A Figura 6 é um exemplo: demonstra a busca de satisfação do desejo feminino desconstruindo a noção de dominação e controle do homem sobre a mulher.

¹⁹ A *fellatio*, sexo oral praticado em homens, também era considerada uma prática injuriosa e depravada, havendo poucas representações imagéticas a respeito. Mas o problema moral se concentrava no homem agente da felação e não naquele que sofria, que não perderia a virilidade. Cavicchioli ensina que a felação era tema relacionado à prostituição. Nas suas palavras, era “um ato sexual que nenhum homem romano da elite poderia requerer da sua mulher – e com boa razão. Os romanos eram particularmente preocupados com a pureza e os cuidados com a boca. Este era o órgão dos discursos e, acima de tudo, o órgão da oratória pública. Eventos sociais também focavam na boca limpa, desde que era costume para pessoas de mesma classe beijarem-se quando se cumprimentavam” (CAVICCHIOLI, 2014, p. 164).

FIGURA 6 – Cena de sexo oral – cunilíngua (Pompeia, séc. I d.C.)



Fonte: <http://pompeisites.org/en/archaeological-site/suburban-baths/>

Diante da pesquisa arqueológica, os historiadores do mundo romano, acostumados com narrativas de cunho político, econômico e militar, tiveram que rever seus conceitos sobre a presença feminina.²⁰ O sexo, para os romanos, era parte que integrava naturalmente a vida. Ademais, deve-se considerar também que tratamos de uma época anterior ao advento do pensamento judaico-cristão, que associou a sexualidade ao pecado e à imoralidade. Daí o porquê do questionamento feito por Cavicchioli à visão, de certo modo conservadora, de alguns historiadores que entendem que as imagens de Pompeia estariam ligadas ao casamento e se referem a casais legítimos:

se as divindades vinculavam-se ao sexo, se o poder do falo advinha de sua capacidade procriadora, se muitas imagens de atos sexuais foram encontradas em casas da elite e se eram as esposas que tinham os filhos legítimos, por que não poderiam também usufruir do prazer estético e propiciatório destas imagens? (CAVICCHIOLI, 2014, p. 165-166).

²⁰ Segundo Funari (2015, p. 86), os dados materiais apresentados pela arqueologia, “podem tanto confirmar, como complementar e mesmo contradizer as informações das fontes históricas”.

É por esse motivo que a “verdade histórica” é um conceito que deve ser repensado, sobretudo com a crise da ciência moderna e o advento das teorias de Foucault (1992), que considera a história em termos de uma luta sincrônica de poder; a “verdade” é um discurso produzido pelo poder. Portanto, ao que parece, havia em Roma mulheres inteligentes, estudadas, engenhosas, dominadoras e desejosas pelo prazer da carne.

5 “A matrona de Éfeso”

O conto “A matrona de Éfeso”, no *Satíricon*, inicia-se a partir de 111.1. Trata-se de uma anedota que não integra a trama central e é contada por Eumolpo para apaziguar o ânimo dos marinheiros no navio de Licas. Menciona a fama da matrona de Éfeso, que a tornara modelo para outras mulheres. Ela havia levado o cadáver de seu esposo para a sepultura da família e estava profundamente motivada a segui-lo na morte. É, então, descoberta por um soldado, cuja incumbência era vigiar vários criminosos que haviam sido enforcados. A pena para o descuido era a morte. O soldado acaba se apaixonando pela viúva, ela corresponde ao amor e acaba por esquecer o marido. Durante a ausência do soldado do seu posto, o corpo de um dos enforcados foi recuperado pela família. A viúva oferece-lhe, dessa forma, o corpo do marido, em substituição ao cadáver levado, com o objetivo de salvar a vida da sua atual paixão: “Não permitam os deuses que ao mesmo tempo eu assista aos funerais dos meus dois homens mais queridos. Prefiro pendurar o morto a matar o vivo” (112.7).

Observa-se, em primeiro lugar, que a definição de matrona antes apresentada está presente no conto, ao menos na primeira parte, onde temos a descrição de uma mulher bela, pudica e fiel que chora pelo seu falecido esposo: “mulher de tão notável castidade que chegava a atrair mulheres de cidades vizinhas para admirá-la” (111.1); “o único exemplo verdadeiro de castidade e amor que já se revelara” (111.5).

Em segundo lugar, notamos no conto a demonstração de poder dos personagens femininos sobre os masculinos, confirmando as interpretações conferidas aos elementos materiais de arqueologia apresentados. A matrona é retratada como uma mulher de caráter

dominador, livre e independente. O soldado, que pensava dominar a situação, na verdade foi dominado. Fica encantado tanto pela beleza como pela esperteza da mulher.

Em terceiro lugar, vemos que a viúva faz uso da astúcia e do raciocínio ao sugerir que se ponha o corpo do falecido marido em substituição ao que fora subtraído à cruz, com o objetivo de salvar a vida do soldado. Antes enforcar um marido morto do que perder um amante vivo...

Outro fato digno de menção é que não é apenas a matrona que é dotada de um caráter ativo, pois a sua criada, quando o soldado entra em cena, foi a primeira a aceitar as oferendas de comida e vinho: “O que vai adiantar para a senhora – disse ela – se morrer de fome? Se for enterrada viva? Se, antes que o destino exija, entregar seu espírito inocente?” (111.11). Mais tarde, agora diante do flerte do soldado, é a serva que a incentiva a ceder: “A senhora precisa voltar à vida! Precisa abandonar essa obstinação feminina! Enquanto for possível, aproveita as vantagens da luz!” (111.12). “*Pois também repugnas ao grato amor? Nem onde estás reflectes?*” (112.2, itálico do original). Nas atitudes da serva vemos novamente as características de uma mulher independente e que também exerce controle sobre a situação, apesar da sua condição de escrava. Isso nos remete à já comentada mobilidade da sociedade romana: criados domésticos eram mais próximos dos seus donos e poderiam até mesmo tornarem-se clientes, ascendendo socialmente.

O conto sob comento pode ser interpretado de várias formas. Para Funari e Garraffoni (2008, p. 116), a intenção de Petrônio teria sido “ridicularizar comportamentos inadequados, pois a dama que, inicialmente, estava ao lado do marido para demonstrar sua virtude, rende-se a um desconhecido e o soldado, por curiosidade, abandona seu dever”. A mulher, nesse sentido, deixa-se dominar pelo desejo, copulando com um desconhecido ao lado do túmulo do marido. Por outro lado, a intenção do autor pode ter sido a de enaltecer a mulher que foi fiel ao marido durante toda a vida e passou a ser fiel ao soldado: uma vida que se afirma num lugar de morte, como a ave fênix que renasce das cinzas. Uma terceira vertente interpretativa acerca das intenções subjacentes ao conto seria no sentido de que ele retrataria mulheres dominadoras

e senhoras da situação, revelando uma realidade contrária ao domínio patriarcal apresentado pelos estudos mais conservadores da história.²¹ Reparem que a matrona, que era descrita como pudica e casta, passa a ser descrita pelo soldado como uma “espertíssima mulher” (112.8), que planejou um artifício para salvar sua vida. Nesse sentido ensinam Funari e Garraffoni (2008, p. 116-117):

O domínio patriarcal aparece como norma, logo colocada de ponta-cabeça. As hierarquias sociais tampouco se mantêm rígidas, a demonstrar a fluidez de toda a situação. À luz da teoria social da nossa época, o mundo romano parece muito mais variado e contraditório, sempre aberto a leituras também diversificadas, mas sempre muito significativas para nossos próprios dias.

6 “O amante no jarro”

“O amante no jarro” aparece em *O burro de ouro* no cap. 09.04.04. Na trama, um homem trabalhador e humilde se casa com uma mulher também de origem simples, que logo começa a traí-lo com um jovem amante, aproveitando o fato de o marido passar o dia todo fora, trabalhando. Num certo dia, o marido volta mais cedo, e a esposa esconde o amante dentro de um antigo jarro. Quando abre a porta, logo passa a repreender o marido que, tendo voltado cedo, não havia trazido nenhum sustento para casa. O marido se explica e diz ter prometido vender o jarro inútil a um comprador. A mulher afirma que a ideia de vendê-lo já lhe tinha ocorrido, tanto que o comprador estava dentro do vaso, examinando o seu estado. Afirma, ainda, tê-lo vendido por um valor superior (7 denários contra 6 do marido). O amante então sai do pote e reclama da sua sujeira. O marido limpa o vaso por dentro, enquanto a mulher o trai do lado de fora ao mesmo tempo em que indica onde deveria limpá-lo.

²¹ Funari e Garraffoni (2008, p. 116), após realizar uma análise detida do vocabulário original do conto, ensinam que as mulheres “aparecem em suas múltiplas dimensões, como submissas e castas, mas também como dominadoras e senhoras da situação”.

Como podemos observar, o conto também parece confirmar os vestígios arqueológicos de Pompéia. A mulher demonstra sua inteligência não só por meio do estratagema empregado, mas, sobretudo, quando afirma que vendeu o vaso por preço superior: “Mas que grande marido e hábil negociante eu fui arranjar, que despachou por um preço inferior uma peça que eu, embora mulher e sem sair de casa sequer, vendi há pouco pela soma de sete denários!” (09.06.04).

Noutra passagem do conto, a esposa lamenta que deveria fazer como as vizinhas que tinham muitos amantes: “Bem mais felizarda do que eu é a nossa vizinha Dafne, que anda a rebolar-se com os amantes, com vinho e comida à fartazana desde manhã cedo!” (09.05.06).

Ademais, a esposa triunfa tanto em relação ao marido que se predispõe a limpar o vaso, o que demonstra a sua aptidão para ser enganado, como também em relação ao amante, que deve pagar mais caro, caso queira se livrar da situação constrangedora. Resta clara, portanto, a superioridade da mulher, que consegue, por meio de um raciocínio rápido e lógico, enganar o marido e sair ilesa da situação.

Palavras finais

Os dados materiais resultantes do trabalho dos antropólogos, quando analisados em conjunto com a literatura romana antiga, especialmente os contos selecionados, trazem à baila novos significados. Começamos o percurso teórico com os conceitos de dialogismo e intertextualidade, de Bakhtin e Kristeva, e desembocamos nas confluências entre literatura e direito e literatura e história/arqueologia.

O arcabouço teórico associado ao *corpus* literário selecionado foi capaz de descortinar importantes questões sobre a posição social e jurídica da mulher e a prática do adultério. De fato, a personagem feminina, petroniana ou apuleiana, revela uma coincidência nos dois contos, qual seja, o caráter livre e independente da mulher e a constante influência do sexo feminino sobre o masculino.

Petrônio e Apuleio recriaram e remodelaram os elementos colhidos da realidade, retratando as mulheres do seu tempo como dominadoras e senhoras da situação. Nesse sentido, as regras do

tradicional patriarcalismo são burladas pelo engodo das mulheres, que deixam seu papel casto e submisso para dominarem a situação. Dessa forma, a visão patriarcal e hierarquizada de confinamento feminino ao lar deveria ser repensada, pois a pesquisa arqueológica evidencia uma participação feminina muito mais intensa do que o imaginado.

De qualquer forma, ainda que vistas sob a perspectiva masculina, as mulheres descritas por Petrônio e Apuleio nos dois contos contribuem para a libertação da mulher das amarras conservadoras da história, promovendo uma releitura da situação social e jurídica da mulher no mundo romano antigo.

Referências

APULEIO. *O burro de ouro*. Tradução de Delfim Leão. Lisboa: Livros Cotovia, 2007.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: A Teoria do Romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini. São Paulo: Edunesp, 1998.

BOCCACCIO, G. *Decamerão*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo; Abril Cultural, 1971.

BONFANTE, L. Introduction. In: SEBESTA, J. L.; BONFANTE, L. *The World of Roman Costume*. University of Wisconsin Press, 2001. p. 7.

BRANDÃO, J. L. *A invenção do romance*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2005.

CAVICCHIOLI, M. R. Fama e infâmia na sexualidade romana. *Romanitas: Revista de Estudos Grecolatinos*, Vitória, n. 3, p. 153-169, 2014.

CUEVA, E. P.; BYRNE, S. N. *Companion to the Ancient Novel*. Oxford: John Wiley & Sons, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781118350416>.

FEITOSA, L. C. Gênero e Sexualidade no mundo romano: a antiguidade em nossos dias. *História; Questões & Debates*, Curitiba, n. 48/49, p. 119-135, 2008. DOI: <https://doi.org/10.5380/his.v48i0.15297>.

- FINLEY, M. *História antiga: testemunhos e modelos*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- FOUCAULT, M. Verdade e poder. In: _____. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1992.
- FUNARI, P. P. *Arqueologia*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- FUNARI, P. P. *Grécia e Roma*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FUNARI, P. P. Os Historiadores e a Cultura Material. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- FUNARI, P. P. Romanas por elas mesmas. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 179-200, 1995.
- FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. Gênero e conflitos no *Satyricon*: o caso da Dama de Éfeso. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 48/49, p. 101-117, 2008. DOI: <https://doi.org/10.5380/his.v48i0.15296>.
- HEMELRIJK, E. A. *Matrona Docta: Educated Women in the Roman Élite from Cornelia to Julia Domna*. London/New York: Routledge, 2004.
- HOFMANN, H. *Latin Fiction: The Latin Novel in Context*. London: Routledge, 2005. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203479223>.
- HOLZBERG, N. *The Ancient Novel: An Introduction*. London: Routledge, 2005. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203974605>.
- HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KRISTEVA, J. *Introdução à semântica*. Tradução de Lúcia Helena França. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LE GOFF, J. A história nova. In: _____. (org.). *A história nova*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 25-64.
- LOPES, J. R. L. O mundo antigo, Grécia e Roma. In: _____. *O direito na história: lições introdutórias*. Rio de Janeiro: Max Limonad, 2000. p. 29-41.
- OLIVEIRA, F. Misoginia clássica: perspectivas de análise. In: SOARES, C.; SECALL, I. C.; FIALHO, M. C. (coord.). *Norma & Transgressão*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011. p. 65-91. DOI: https://doi.org/10.14195/978-989-26-0368-1_4.

PETRÔNIO. *Satiricon*. Tradução de Cláudio Aquati. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

SCHMELING, G. (ed.) *The Novel in the Ancient World*. Boston: Brill Academic Publishers, 2003.

SCHWARTZ, G. A. D. *A constituição, a literatura e o direito*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2006.

SILVA, G. J. da. *Aspectos de cultura e gênero na Arte de Amar, de Ovídio, e no Satyricon, de Petrónio: representações e relações*. 156 p. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

VEYNE, P. *A elegia erótica romana*. Tradução de Milton Meira do Nascimento e Maria das Graças de Souza Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VEYNE, P. *A sociedade romana*. Tradução de Maria Gabriela de Bragança. Lisboa: Edições 70, 1990.

VEYNE, P. O Império Romano. In: VEYNE, P. (org.); ARIÈS, P.; DUBY, G. (coord.). *História da vida privada: do Império ao ano mil*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 1, p. 17-212.

VEYNE, P. *Sexo & Poder em Roma*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

WALSH, P. G. *The Roman Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

Recebido em: 22 de abril de 2019.

Aprovado em: 13 de dezembro de 2019.